



TRAÇOS NÃO MANUAIS DE EVENTUALIDADES EM LIBRAS

NON-MANUAL FEATURES OF EVENTUALITIES IN LIBRAS

Hadassa Rodrigues Santos¹
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever traços de natureza não manual como propriedades de eventualidades na Língua Brasileira de Sinais – Libras. Partindo das noções sobre o aspecto e as classes acionais (VENDLER, 1957; COMRIE, 1976; SMITH, 1991) admitimos que a co-ocorrência de atividades da face inferior (boca, bochechas e queixo) com a articulação manual exprime a natureza do esquema temporal do predicado. O arcabouço teórico é a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), tendo como premissa que as eventualidades e os subeventos que as compõem devem ser codificados na sintaxe. A partir de amostras de sinalização natural de três informantes surdos adultos, investigamos os traços instantâneo/durativo e télico/atélico. Os resultados obtidos são: a) traço [+ contínuo] caracteriza eventualidades durativas; b) traço [+ pontual] caracteriza eventualidades télicas. Espera-se contribuir com a descrição de traços fonológicos compatíveis com a modalidade visual-espacial.

Palavras-Chave: Traços; Eventualidades; Libras.

¹ Endereço eletrônico: hadassa.rodrigues@ufjf.edu.br.

Abstract: *The objective of this paper is to describe non-manual features as eventuality properties in Brazilian Sign Language – Libras. Based on the notions of aspect and actional classes (VENDLER, 1957; COMRIE, 1976; SMITH, 1991), it is acknowledged that the co-occurrence of activities in the lower face (mouth, cheeks, and chin) with manual articulation expresses the nature of the time schemata of the predicate. The theoretical framework used is Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993), upon the premise that eventualities and subevents comprising them must be codified in syntax. Instantaneous/durative and telic/atelic features were investigated based on samples from the natural signing of three deaf adult informants. The results obtained are: a) the [+ continuous] feature characterizes durative eventualities; b) the [+ punctual] feature characterizes telic eventualities. It is expected that this research will contribute to the description of phonological features compatible with the visual-spatial modality.*

Keywords: *Features; Eventualities; Libras.*

INTRODUÇÃO

Estudos que visam a descrição de línguas sinalizadas têm apresentado um maior aprofundamento teórico-empírico sob as mais diferentes abordagens e fenômenos linguísticos. Não mais se faz necessário validar o estatuto linguístico das línguas de sinais (LS), visto que tal hipótese é confirmada desde os trabalhos precursores e, portanto, há um consenso neste campo de estudo. Brito (1998, p. 19) faz a seguinte afirmação:

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Partindo desta premissa, verificam-se similaridades entre fenômenos das LS e das línguas orais (LO). Contudo, há de se considerar a manifestação de propriedades peculiares à modalidade visual-espacial. Nesse sentido, as línguas de sinais oferecem um campo de investigação sobre os efeitos que a diferença na modalidade pode implicar para as teorias linguísticas em todos os níveis.

Ainda hoje é desafiador desenvolver um trabalho teórico-descritivo na área da Linguística tendo como objeto de análise uma língua sinalizada, pois toda a literatura se desenvolveu, majoritariamente, com base em dados de LO. Os trabalhos em LS que investigam classes acionais e a expressão aspectual apresentam um paradigma promissor para se aferir os princípios que regem a linguagem (KLIMA; BELLUGI, 1979; WILBUR, 2003; FINAU, 2004).

Neste artigo apresentamos resultados parciais de uma pesquisa que teve por objetivo descrever traços de natureza não manual que correspondem a propriedades semânticas de eventualidades² na Língua Brasileira de Sinais – Libras, sob o modelo teórico da Morfologia Distribuída (doravante, MD), tendo como premissa que as eventualidades e os subeventos que as compõem devem ser codificados na sintaxe, ou seja, “a estrutura sintática das sentenças das línguas naturais é, de algum modo, determinada por sua estrutura de *evento*, além dos efeitos de propriedades semânticas na estrutura sintática dessas construções” (SCHER, 2004, p. 32).

Importa-nos, então, relacionar um conjunto de propriedades temporais que definem as classes de eventualidades, a partir da combinação dos traços semânticos apontados nos pares instantâneo/durativo e télico/atélico e a sua realização por meio de traços não manuais que co-ocorrem com sinais manuais em predicados verbais.

Nosso interesse está em observar as articulações que envolvem a face inferior (boca, bochechas, queixo). Em comparação a outros articuladores não manuais, a boca é o que apresenta a maior gama de uso simultâneo à articulação manual, em razão das inúmeras possibilidades de configurações e movimentos que pode realizar (TOMASZEWSKI; FARRIS, 2010 apud XAVIER, 2019).

² O termo eventualidade é aqui utilizado em referência às principais categorias acionais: *estados, atividades e eventos*, nos termos propostos por Vendler (1967). Ao longo do texto, o termo *evento* pode aparecer significando eventualidade, por exemplo, ao referir-se a estrutura dos *eventos*.

A nossa hipótese é que o articulador bucal atua simbioticamente com as mãos para a descrição temporal de *eventos*, em direção a uma proposta de compartilhamento de traços por articuladores de natureza distinta.

A partir de amostras de sinalização natural de três informantes surdos adultos, extraídas do escopo do Projeto de Inventário Nacional da Libras – INDLibras³, foram analisadas a projeção de traços bucais que codificam propriedades temporais de eventualidades.

1 O ESCOPO DA PESQUISA

O trabalho de pesquisa empreendido tem sua motivação advinda de um percurso de investigação que se iniciou em 2015 no âmbito do mestrado acadêmico. Naquela época o interesse estava em observar processos morfológicos produtivos na modalidade visual-espacial sob um viés lexicalista. Uma das principais limitações encontradas nesse trabalho residiu em delimitar os sinais em categorias gramaticais, visto que, em Libras, uma mesma forma superficial pode representar tanto um substantivo quanto um verbo, por exemplo (SANTOS, 2017).

Diante disso, passamos a questionar os critérios sob os quais se categorizam as unidades lexicais e pela admissão de que o modo categorização de uma língua sinalizada pode não ser compatível com a categorização de uma língua oral, podendo, inclusive, não apresentar as mesmas categoriais.

Em razão disso, a adoção de um modelo não-lexicalista para a descrição de línguas sinalizadas, assim como é aplicado às línguas orais, nos pareceu

³ O Inventário Nacional da Libras é parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), criado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sob responsabilidade dos pesquisadores Ronice Müller de Quadros e Tarcísio de Arantes Leite, submetido ao IPHAN em 2013. Em 2014, uma nova versão do projeto foi aprovada pelo IPHAN, através de uma parceria do Instituto de Ciência Política (IPOL) e a Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível para consulta em <www.corpuslibras.ufsc.br>.

razoável. No modelo delineado por Halle e Marantz (1993), a computação sintática não mais opera com unidades previamente extraídas do léxico, mas a partir de traços morfossintáticos que serão concatenados para a formação de toda estrutura linguística. Esses traços reúnem as informações sintáticas e semânticas e se juntam em feixes que se combinam a outros feixes e raízes para gerar as palavras e sentenças, cuja forma fonológica final vai ser definida após a aplicação das operações morfológicas.

A Morfologia Distribuída (do inglês *Distributed Morphology*) constitui-se um modelo teórico que busca refletir a relação entre os processos de formação das palavras e sentenças com os componentes da competência gramatical: a sintaxe, a semântica e a fonologia. Esta Arquitetura da Gramática delineia um único componente gerativo – a sintaxe, responsável pela junção de traços sintáticos-semânticos, por exemplo, tempo, aspecto, número e pessoa a raízes, destituídas de conteúdo fonológico e acategoriais.

Tal modelo é aplicado também às línguas sinalizadas e se mostra vantajoso, se comparado a modelos lexicalistas, sob os seguintes aspectos: 1) as operações sintáticas são responsáveis pela derivação de toda e qualquer estrutura linguística; 2) os primitivos da sintaxe são raízes e traços destituídos de informação fonológica, sendo a inserção de material fonológico pós-sintática, portanto, a modalidade de expressão, seja visual-espacial ou oral-auditiva, se submete às mesmas operações sintáticas; 3) as raízes são acategoriais, o que significa que uma mesma raiz pode ser concatenada a um traço categorizador de nome (N), verbo (V), adjetivo (A), etc., a depender do contexto sintático em que for inserida.

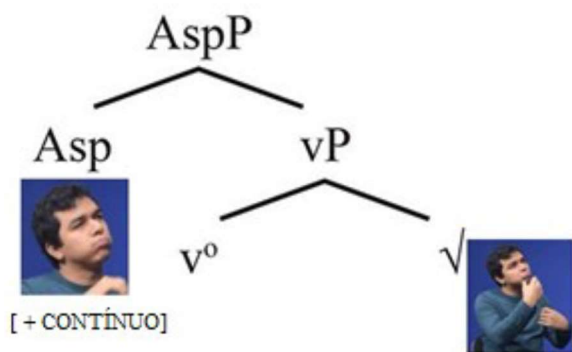
Sob os moldes teóricos que adotamos, o verbo se concatena a traços sintático-semânticos para a leitura do aspecto lexical. Esse traço aspectual é retirado da lista de Terminais Sintáticos. Para tanto, postulamos traços de dois tipos: [+/- contínuo] e [+/- pontual] correspondentes à contraparte fonológica do

traço de aspecto em Libras, sendo distintivos entre as classes acionais quanto às propriedades semânticas, das quais investigamos instantaneidade/duração e telicidade/atelicidade.

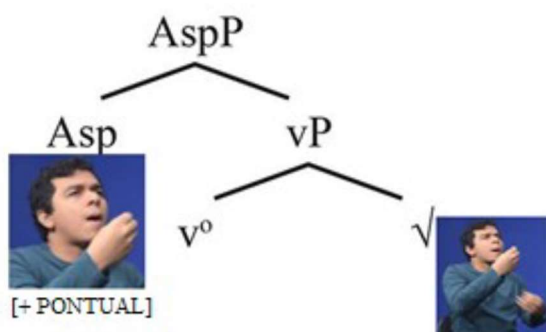
Os verbos, portanto, podem apresentar estruturas internas distintas quanto à seleção do traço aspectual. Postulamos que esse traço poderá ter uma correspondência fonológica de natureza manual (traços de movimento) e não manual (traços de boca), a depender do contexto sintático em que ocorrem.

Para exemplificar, o verbo ENSINAR, extraído do *corpus*, ao se adjungir a um traço [+ contínuo] gera a leitura de duração do *evento* (1) e, de igual forma, ao se concatenar a um traço [+ pontual], marca a sua telicidade (2).

(1) Duração



(2) Telicidade



Uma outra vantagem do modelo da MD para a análise tanto de LO e de LS é a inserção tardia de conteúdo fonológico (*Late Insertion*). Esses traços

fonológicos serão relevantes a caminho de PF (do inglês *Phonetic Form*), atuando na geração de uma representação linguística que possa ser externalizada do ponto de vista da articulação dos sons ou dos sinais, nos casos de línguas sinalizadas. Sendo assim, por meio de regras que associam contextos sintáticos a materiais fonológicos, os traços [+/- contínuo] e [+/- pontual] correspondem à especificação das articulações bucais para as propriedades aspectuais em questão.

Apresentado o escopo da pesquisa (SANTOS, 2021), adiante, discorreremos sobre eventualidades e o conjunto de propriedades que as classificam em categorias acionais e, por fim, os principais resultados da pesquisa e perspectivas futuras.

2 EVENTUALIDADES E OS TRAÇOS ASPECTUAIS

Tradicionalmente, a classificação de verbos introduzida por Aristóteles se sustenta em duas classes fundamentais: *estados* e *eventos*. Verbos de estado expressam a existência de uma situação; por outro lado, verbos de eventos exprimem processos, de um modo geral.

A classe dos verbos de eventos se subdivide pela existência ou não de uma ideia de fim ou ponto de culminância inerente ao significado do verbo que denota este evento, a saber: ação ou movimento. Um verbo de ação tem em seu significado a ideia de fim ou de culminância de um processo. Um verbo de movimento expressa um processo incompleto, um evento a que falta fim ou ponto de culminância (SCHER, 2004).

A esse respeito, a noção de aspecto foi cunhada na literatura linguística com a intenção de significar o modo pelo qual as línguas descrevem uma determinada eventualidade. Para Comrie (1976) o aspecto reside nos diferentes modos de se observar a constituição temporal interna de um evento, revelando a

subjetividade do enunciador. A constituição temporal, segundo o autor, pode ocorrer por diferentes domínios que se relacionam intimamente e, frequentemente, se confundem – os domínios gramatical e lexical. Cada um deles apresenta uma subdivisão: o aspecto gramatical divide-se em perfectivo e imperfectivo e o aspecto lexical, em télico e atélico.

Nos termos propostos por Comrie (1976), o aspecto gramatical se distingue em perfectivo e imperfectivo, de modo que o aspecto perfectivo se refere a uma ação em sua totalidade, sem menção à sua constituição interna, enquanto o aspecto imperfectivo se refere à ação com base em um ponto de vista interno, observando a constituição temporal e as diversas fases que compõem uma ação. O aspecto lexical, por sua vez, remete a uma categoria semântica relativa às propriedades de eventualidades expressas por verbos.

Para o autor, as propriedades em questão dizem respeito à presença ou à ausência de algum fim ou limite na estrutura lexical, o que distingue certas classes de verbos e aponta se o verbo expressa evento, estado, processo ou ação. É nesse sentido que se podem identificar diferenças, por exemplo, entre um estado e um processo. Além disso, para uma mesma situação (estado ou processo), o falante pode assumir um ponto de vista determinado, resultando em uma percepção que expresse (in)completude, progressividade, repetição, habitualidade, momentaneidade, e/ou outras noções não dêiticas de temporalidade.

Os clássicos exemplos são as sentenças '*John está cantando*' e '*John está fazendo uma cadeira*', em que se argumenta que a ação de fazer uma cadeira tem um ponto final, ou seja, refere-se a uma situação que tende a um fim, seja em curto, seja em longo tempo. A sentença que apresenta o verbo '*cantar*', ao contrário, pode ser prolongada indefinidamente ou interrompida em algum ponto sem alterar a completude da situação, isto é, mesmo se John parar de cantar, ainda assim, será verdade que ele cantou. Nesse sentido, a primeira

sentença é lida como uma situação atélica, ao passo que situações como ‘fazer uma cadeira’ são chamadas de télicas.

O trabalho de Vendler (1967) sistematiza o aspecto lexical em quatro classes acionais, sendo elas: *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Os verbos de *estado* denotam eventualidades que perduram no tempo e que não são dinâmicas e, assim, distinguem-se dos verbos de *atividades*, que ocorrem durante um certo tempo, mas não terminam, necessariamente, em um ponto definido.

Os chamados verbos de *atividade* expressam eventualidades que duram um tempo indefinido, mas não envolvem uma culminação. Diz-se que a verdade da sentença independe de se atingir um determinado ponto. O autor, ainda, distingue as eventualidades em dois tipos diferentes de processos com fim ou culminância inerentes: os chamados verbos de *achievements* (culminações) apresentam culminância instantânea, isto é, não se desenvolvem no tempo, caracterizando-os como predicados que são télicos.

A classe de verbos *accomplishment* (processos culminados) expressa *eventos* dinâmicos, mas que possuem pontos naturais de culminação necessários para o seu valor de verdade. São predicados durativos, pois apresentam progressão temporal.

Vendler (1967) argumenta em termos de traços aspectuais que distinguem as categoriais acionais. Aqui nos limitaremos a discorrer sobre os traços de duratividade e telicidade. Os predicados da classe de *atividades* podem se prolongar no tempo, mas sem que se estabeleça um término lógico a ser alcançado e, portanto, caracterizam-se pelos traços [+ durativo] e [+ dinâmico].

Os elementos da classe dos predicados de *estados* são durativos e não possuem um término lógico, sendo [+ durativo] e [- télico]. Os predicados da classe de *accomplishment*, por sua vez, podem se prolongar no tempo e estabelecem um término lógico para a sua conclusão, apresentando os traços [+ durativo] e [+ télico].

A classe de *achievements* caracteriza-se por predicados télicos e não progridem no tempo, portanto, [- durativo] e [+ télico]. Esta distribuição de traços aspectuais e as classes acionais é apresentada na Tabela 1:

Tabela 1: Traços aspectuais das classes acionais

Classes	Duratividade	Telicidade
Atividades	+	-
<i>Accomplishment</i>	+	+
<i>Achievements</i>	-	+
Estados	+	-

Fonte: Adaptado de Vendler (1957).

A partir desta classificação nos interessa observar a caracterização dos traços instantâneo/durativo e telicidade/atelicidade em uma língua sinalizada sob a hipótese de que essas propriedades aspectuais são expressas por traços não manuais que co-ocorrem com a sinalização manual. Neste artigo, importa-nos discorrer a favor dos traços bucais [+/- contínuo] e [+/- pontual] que exprimem a natureza durativa e (a)télica do esquema temporal da eventualidade.

3 TRAÇOS NÃO MANUAIS COMO MARCADORES ASPECTUAIS

A modalidade visual-espacial permite que articuladores não manuais (Expressões Não Manuais - ENM), incorporem informações linguístico-gramaticais simultaneamente à articulação manual (BRETT; LIDDELL, 1978; SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999).

Em diversas línguas sinalizadas aferiu-se que articulações de natureza não manual são incorporadas à estrutura linguística e podem se relacionar a: a) noção de referencialidade através do uso do espaço; b) informações sintáticas expressas por atividades da parte superior da face, e c) informações morfolexicais produzidas pela parte inferior da face (AARONS, 1994; BAHAN, 1996; BAKER-SHENK, 1983; LIDDELL; JOHNSON, 1986).

Os articuladores não manuais incluem canais independentes, a saber: posição da cabeça, posição do corpo, sobrancelhas e posição da testa, o olhar, a posição de nariz, boca, língua e bochechas. Especialmente, marcações da face inferior vêm sendo relacionadas à estrutura aspectual (WOLL, 2001; LEWIN; SCHEMBRI, 2009).

Duas hipóteses são relevantes sobre a manifestação das articulações bucais nas línguas de sinais, de acordo com Bickford e Fraychineaud (2008). A primeira hipótese, chamada de morfoderivacional ou lexical, predica que as articulações bucais não estão listadas individualmente no léxico, mas são especificadas como afixos derivacionais em itens lexicais complexos. A segunda hipótese, morfossintática flexional, considera que morfemas bucais são combinados aos sinais manuais com função de afixos flexionais, dispostos segundo regras gerais da morfossintaxe das LS.

Traços desta natureza podem ser, potencialmente, interpretadas como constituintes marcadores aspectuais, em consonância ao que vêm sendo observado em outras línguas sinalizadas (SANDLER, 1989; CRASBORN *et al.* 2008).

Em virtude das considerações apresentadas pelos trabalhos antecedentes, argumentamos que traços bucais se realizam de forma coteleporal em relação à sequência verbal manual, complementando-a ou especificando-a quanto às propriedades aspectuais. As hipóteses que levantamos são: a) a duração é expressa por traços bucais do tipo [+ contínuo]; b) traços bucais do tipo [+ pontual] caracterizam eventualidade télicas.

Trabalhos que investigam a expressão aspectual em Libras demonstram ser este um fenômeno complexo, pois várias estruturas linguísticas podem expressar as categorias de tempo e aspecto, seja a partir da extensão da articulação de um sinal ou a sua repetição; processos não manuais que ocorrem simultaneamente ao sinal; além do uso de sinais específicos como advérbios de

tempo ou de demarcação em uma linha temporal relacionada ao corpo do sujeito sinalizante (FINAU, 2004; FELIPE, 1998; BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP; 2004).

Tal complexidade se justifica, pois “se, por um lado, o estabelecimento de relações temporais é possivelmente um universal linguístico, os mecanismos gramaticais utilizados pelas diferentes línguas ao redor do mundo para fazê-lo, certamente, não são os mesmos” (FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2020, p. 363).

Silva e Lessa-de-Oliveira (2016) argumentam que tempo e aspecto, em Libras, se manifestam por um conjunto de traços universais, que estão disponíveis na Gramática Universal (GU) e que são arranjados pela língua através de recursos não flexionais, cuja âncora é a propriedade da *dêixis* temporal. Além disso, as autoras observaram que a relação entre aspecto e tempo ocorre mais produtivamente por meio da atuação direta de operadores temporais, como advérbios ou locuções adverbiais de tempo.

Um ponto convergente nos trabalhos que investigam esse tópico em Libras é atribuir às alterações no movimento interno do sinal a responsabilidade pelas modificações aspectuais. Finau (2004) afirma que a Libras apresenta marcas para estabelecer relações temporais entre o momento de fala e os momentos dos *eventos* reportados, entre essas marcas estão: repetição de sinais verbais, amplitude e intensidade do movimento e processos não manuais como expressão facial e, na ausência dessas marcas, o verbo pode expressar tanto o tempo presente quanto o passado.

Em Quadros e Karnopp (2004), as classes aspectuais apresentam flexões que se diferenciam quanto à forma e duração do movimento. Segundo Brito (2010), por ser uma língua multidimensional, “[...] os parâmetros podem ser alterados para a obtenção de modulações aspectuais, incorporações de informações gramaticais e lexicais, quantificação, negação e tempo” (BRITO, 2010, p. 49-50).

Oliveira (2018) aferiu uma relação entre a frequência do movimento de um sinal e o efeito gerado a partir da telicidade do predicado em Libras. Em uma sentença como *'Ela quebrou o carrinho'* realizou-se uma articulação abrupta do sinal equivalente a QUEBRAR, o que indica a singularidade e pontualidade do *evento* e permite a interpretação dessa sentença como tética e perfectiva.

Figura 1: Sinalização da sentença *'Ela quebrou o carrinho'* em Libras



Fonte: Oliveira (2018, p. 55).

Por outro lado, a autora atestou um aumento na duração da articulação do sinal em sentenças cujo efeito era de continuidade, resultando na interpretação de uma sentença atética e imperfectiva, a saber, *'Ele estava correndo'*.

Figura 2: Sinalização da sentença *'Ele estava correndo'* em Libras



Fonte: Oliveira (2018, p. 57).

A autora conclui que a Libras se apropria de diferentes recursos para a expressão aspectual das sentenças, sejam sinais manuais, expressões não manuais ou, ainda, a iconicidade, que podem se relacionar tanto com a (im)perfectividade, quanto com a (a)telicidade, e que esses recursos interagem entre si constantemente dentro da sentença, contribuindo para a noção de aspecto.

Em nossa análise, não consideramos somente o verbo como relevante para a descrição das eventualidades, mas composicionalmente à estrutura da sentença, nos termos de Smith (1991), o valor aspectual depende da combinação desse item lexical com complementos ou sintagmas preposicionais. A especificação acional de um predicado não pode ser acessada sem levar em conta os diversos contextos sintáticos nos quais ele aparece, sendo o valor aspectual de um dado tempo verbal não especificado definitivamente (VERKUYL, 1993, 1999).

O que nos chama atenção nesses exemplos é a ocorrência de marcações não manuais, concomitantemente à articulação manual, contudo, os apontamentos feitos sobre as marcações não manuais são genéricos e não têm um desdobramento teórico.

Para a análise dos dados da pesquisa realizada, trabalhamos com o acervo de gravações referente à etapa de entrevista semiestruturada e semiaberta do Inventário Nacional de Libras, por possibilitar uma análise comparativa entre as produções linguísticas dos informantes. A entrevista consistia na interação entre o entrevistador e o informante, por aproximadamente três horas, com atividades propostas pelos pesquisadores. Ao optar por essa frente, esperamos observar uma sinalização típica desses sujeitos, pois os tópicos abordados compreendem temas de seu cotidiano, com um vocabulário de seu conhecimento e que remete a histórias pessoais.

Selecionamos um surdo de referência para cada grupo de faixa etária, considerando a idade corrente no período de realização das entrevistas, e a representatividade de diferentes regiões do país, a fim de vislumbrar uma diversidade de expressão e uso da língua de sinais. Adiante, apresentamos um recorte dos nossos dados em direção às hipóteses levantadas.

3.1 Duração

Uma situação que manifesta aspecto durativo, seja dinâmica ou estática, caracteriza-se por estar em andamento em relação ao ponto de referência. A semântica de duração do *evento* é externalizada pela marcação do traço [+ contínuo] que exhibe a extensão da postura bucal, em conjunto com outras marcações na face inferior e, geralmente, coincidente com o prolongamento da atividade manual, atrelada à semântica de duração do evento a que o verbo se refere em um enunciado. Em um trecho da sinalização, a informante⁴ Débora narra um *evento* transcrito na sentença⁵ (3):

(3) No passado, na escola a professora falava e eu não entendia.



PASSADO ESCOLA PROFESSOR@ FALAR (CONTÍNUO)
NÃO-ENTENDER

Na sentença acima o sinal referente a FALAR é articulado com movimento circular constante e repetitivo, acompanhado de articulações da boca que se assemelham à pronúncia do fonema⁶ /p/ > [p], que se mantém pelo tempo de articulação manual do verbo. A articulação do traço bucal [+ contínuo] não co-

⁴ Os participantes do Projeto do INDLibras autorizaram a divulgação do seu nome e imagem para a coleta e uso dos dados que compõem o Corpus de Libras.

⁵ Optamos por apresentar as sentenças em sua forma traduzida para o português brasileiro. Os vídeos que compõem o *corpus* da pesquisa podem ser acessados pelo link: https://drive.google.com/drive/folders/1d_zUfdNgjJPWyBcB8z9pwDz4w-ofdaST?usp=sharing.

⁶ Para transcrever as articulações bucais, vali-me do alfabeto fonético internacional, pois há o benefício de que as configurações de boca que se assemelham à articulação de consoantes e vogais do português brasileiro possam ser anotadas por meio de símbolos de fácil reconhecimento.

ocorre com outros sinais da sentença. Esta atividade bucal incorpora ao verbo a informação de um *evento* durativo, mas não há um término lógico demarcado, típico de verbos de atividade.

Em outra sentença sinalizada, a informante Priscilla sinaliza um fato em que ela desejava muito ter os cabelos longos, conforme a sentença em (4):

(4) Quero isso.

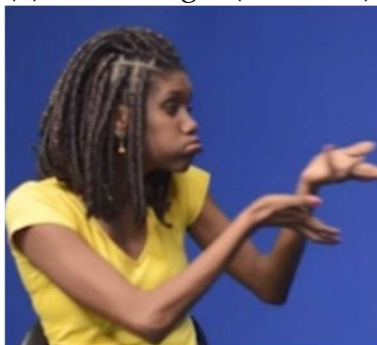


QUERER(CONTÍNUO) ISSO/ISTO

Nota-se na articulação do sinal QUERER que o movimento do verbo é prolongado de forma contínua. Em sua forma basilar, o sinal de QUERER apresenta um único movimento unidirecional, contudo, por se tratar de um verbo que não possui duração definida, necessitando de algum agente externo para mudar o estado, a sua forma flexionada é articulada na sentença.

Para além da articulação manual, o que chama a atenção nesta sentença são as marcações bucais associadas ao verbo. A boca projeta levemente a língua para a fora, semelhante à articulação de /th/ e se mantém semiaberta durante a articulação manual do verbo e do pronome demonstrativo que o segue. Essas articulações são especificadas pelo traço [+ contínuo] nos dois exemplos citados, FALAR e QUERER, pois, incorporam a duratividade do *evento*, não sendo intrínsecos aos verbos. O mesmo traço [+ contínuo] está presente no verbo INTERAGIR na sentença em (5):

(5) Eu interagia (com eles)



INTERAGIR-ELES

A informante Priscilla produz uma vibração contínua dos lábios, remetendo à sua interação constante com as pessoas da escola, exibindo o traço bucal [+ contínuo]. Mais uma evidência da nossa hipótese de que traços bucais do tipo [+ contínuo] incorporam a informação de um *evento* que não tende a um fim necessário, simultaneamente a articulação manual do verbo, que também incorpora modulações aspectuais.

Um *evento* instantâneo não é compatível com esse modo de articulação bucal, que remete à ideia de um prolongamento no tempo e no espaço. A ausência do traço [+ contínuo] é típica de verbos que ocorrem em eventualidades não durativas.

A informante Priscilla produz uma vibração contínua dos lábios, remetendo à sua interação constante com as pessoas da escola, exibindo o traço bucal [+ contínuo]. Mais uma evidência da nossa hipótese de que traços bucais do tipo [+ contínuo] incorporam a informação de um *evento* que não tende a um fim necessário, simultaneamente à articulação manual do verbo, que também incorpora modulações aspectuais.

Um *evento* instantâneo não é compatível com esse modo de articulação bucal, que remete à ideia de um prolongamento no tempo e no espaço. A ausência do traço [+ contínuo] é típica de verbos que ocorrem em eventualidades não durativas.

Em razão disso, assumimos que há um espelhamento dos traços manuais relativos ao movimento do verbo e os traços bucais para a expressão aspectual em Libras, sendo externalizada de forma composicional, traços do movimento manual são espelhados por traços bucais. A direção oposta deve ser investigada, visto que nos parece que a precedência de traços que exibem as propriedades aspectuais é dada pela articulação manual em detrimento de aspectos não manuais (SANTOS, 2021).

3.2 Telicidade

Analisamos a telicidade como um traço que indica uma situação que necessariamente chega a um fim, ou seja, uma situação que marcha para um clímax ou ponto terminal natural. A presença do traço [+ pontual] atrelado à semântica de telicidade do *evento*, corresponde a articulações da face inferior em que se exhibe um ponto término, isto é, resultam em uma mudança de postura da boca, como a articulação brusca de abertura/fechamento da boca, inflar e suflar de bochechas, vibração abrupta de lábios etc. Em uma das narrativas, o informante Gabriel sinaliza a seguinte sentença (6):

(6) Tranquei (a faculdade) e desisti.



TRANCAR

DESISTIR

O verbo DESISTIR é articulado concomitante a um traço bucal [+ pontual], as bochechas são infladas seguido de um sopro abrupto, semelhante a

intensidade do movimento articulado pelo verbo. Esta marcação não manual incorpora o efeito da conclusão ou término da ação, caracterizando a telicidade do *evento*.

Já o verbo TRANCAR nesta sentença não apresenta nenhuma alteração bucal em sua articulação, ao que argumentamos que o traço bucal [+ pontual] do verbo DESISTIR carrega a leitura da telicidade do predicado.

Em um outro contexto, a informante Shirley exibe o mesmo traço bucal [+ pontual] em uma sentença de predicado télico representado em (7), ao contar das dificuldades que teve em sua trajetória escolar devido à ausência do conhecimento da língua de sinais.

(7) Eu percebi que faltou a língua de sinais.



PERCEBER FALTAR LÍNGUA DE SINAIS

Nesta sentença, o sinal de PERCEBER é articulado simultaneamente ao inflar das bochechas seguido de um único sopro. Já na articulação do verbo FALTAR, a boca pronuncia o fonema /f/ > [f], com um assopro estendido, coordenado com o movimento do sinal que é repetido nessa produção. Novamente, temos o traço [+ pontual] associado à instantaneidade do *evento* e a extensão da articulação bucal marcando a sua duração.

Os dados revelam que as articulações da boca que exibem uma alteração brusca de configuração são especificadas como [+ pontual], indicando que a sua ocorrência coincide com a modulação do movimento, atrelada ao término ou à culminância do *evento*.

Tais construções vêm ao encontro do que assumimos sobre a expressão aspectual gerada composicionalmente por aspectos manuais e não manuais, na proposição de um espelhamento de traços fonológicos com realizações fonéticas-articulatórias distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais da pesquisa apresentada neste artigo nos levam a admissão de que traços da face inferior estão associados à leitura de propriedades aspectuais de eventualidades em Libras, cuja realização apresenta um alinhamento temporal com atividades manuais.

O traço [+ contínuo] expressa a propriedade de duração de eventualidades, a realização desse traço consiste na extensão da atividade dos articuladores da face inferior, a saber, o afrouxamento e a compressão dos lábios, o assopro prolongado, a vibração contínua dos lábios etc. O traço [+ pontual] está atrelado à telicidade do *evento*. A ocorrência desse traço corresponde a articulações delimitadas, por exemplo, como a articulação brusca de abertura/fechamento da boca, inflar e suflar de bochechas, vibração abrupta de lábios etc. Nossos dados permitem afirmar que a marcação do aspecto em Libras é realizada por atividades manuais e não manuais, especialmente na interação entre o movimento manual e ações da boca, através de um compartilhamento de traços fonológicos.

Vislumbrou-se, portanto, uma interface entre os componentes da gramática, uma vez que a ocorrência de traços fonológicos na estrutura de verbos eventivos está atrelada às propriedades semânticas que restringem a combinação desses traços por articuladores distintos e a delimitação de sua ocorrência, a depender do contexto sintático-semântico.

Os apontamentos feitos elevam a discussão em torno da expressão aspectual e da categorização de eventualidades em Libras que, até então, se restringiam a investigar traços manuais como expressão das propriedades temporais. Conclui-se, portanto, que atividades manuais e não manuais são coordenadas para a leitura de propriedades temporais de eventualidades, inclusive, em uma combinação simétrica, em que as mãos conduzem as atividades bucais, a priori. Os resultados desta pesquisa podem nortear pesquisas futuras que se debruçam na descrição de aspectos fonológicos das línguas sinalizadas, especialmente, na sincronia de articulação entre articuladores manuais e não manuais.

REFERÊNCIAS

- AARONS, D. *Aspects of the syntax of American Sign Language*. 200f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Boston University, Boston, 1994.
- BAHAN, B. J. *Non-manual realization of agreement in American Sign Language*. 342f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Boston University, Boston, 1996.
- BAKER-SHENK, C. *A micro analysis of the nonmanual components of American Sign Language*. Unpublished PhD thesis, University of California, Berkeley, USA, 1983.
- BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. The signs of language. *Psychological Science*, [S.l.], v. 1, p. 6-9, 1979.
- BICKFORD, J. A.; FRAYCHINEAUD, K. Mouth morphemes in ASL: A closer look. In: QUADROS, R. M. (ed.). *Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future* (papers from the Ninth Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianópolis, Brazil, December 2006). Petrolis, RJ: Editora Arara Azul, 2008.
- BRITO, L. F. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. In: BRITO, L. F. et al. (org.). *Brasília: Secretaria de Educação Especial*, v. 3, 1998.
- BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CRASBORN, O. et al. Frequency distribution and spreading behavior of diferente types of mouth actions in three sign languages. *Sign Language & Linguistics*, v. 11, n. 1, p. 4567, 2008.

-
- EMBICK, D.; MARANTZ, A. Architecture and blocking. *Linguistic inquiry*, v. 39, n. 1, p. 1-53, 2008.
- FELIPE, T. *A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de doutorado em linguística, 1998
- FIGUEIREDO, L. M. B.; LOURENÇO, G. Analisando a Língua Brasileira de Sinais como uma língua sem-tense. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 24, n. 51, p. 361-396, 2020.
- FINAU, R. *Os Sinais do Tempo e Aspecto na Libras*. Tese de doutorado. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. Jay (ed.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.
- LEWIN, D.; SCHEMBRI, A. Adverbial mouth gestures in British Sign Language: A case study of tongue protrusion in BSL narratives. In: *Workshop on nonmanuals in sign languages*, 4-5 apr., Frankfurt, 2009.
- LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants. *Natural Language & Linguistic Theory*, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 445-513, 1986.
- OLIVEIRA, F. A. *Distinção entre aspecto lexical e aspecto gramatical na Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.
- PIRES, G. S. A. *Aspectualidade em libras: telicidade e duratividade*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal Fluminense, 2019.
- QUADROS, R. M. KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SANDLER, W. Symbiotic symbolization by hand and mouth in sign language. *Semiotica*, [S.l.], v. 2009, n. 174, 2009.
- SANTOS, H. R. *Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2017.
- SANTOS, H. R. Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras. *Scripta*, 24(51), p. 488-513, 2020.
- SANTOS, H. R. *Propriedades aspectuais de eventualidades em Libras: um compartilhamento de traços fonológicos entre articuladores manuais e não manuais*. Tese (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2021.
- SCHER, Ana Paula. *As construções com o verbo leve "dar" e nominalizações em -ada no português do Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.

SILVA, L. *Investigando a Categoria Aspectual na Aquisição da Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1991.

VENDLER, Z. Causal relations. *The Journal of philosophy*, [S.l.], v. 64, n. 21, p. 704-713, 1967.

VERKUYL, H. J. *A Theory of Aspectuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

VERKUYL, H. J. *Aspectual Issues: Studies on Time and Quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

WILBUR, R. B. Complex predicates involving events, time, and aspect: Is this why sign languages look so similar? In: QUER, J. (Ed.). *Signs of the time: Selected papers from TISLR 2004*. Hamburg: Signum--Verlag, 2008. p. 217–250.

WILBUR, R. B. Modality and the structure of language: Sign languages versus signed systems. In: MARSCHARK, MARC; SPENCER, PATRICIA E (Org.). *Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education*. New York: Oxford University Press, 2003. p. 332-346.

WOLL, B. The sign that dares to speak its name: Echo phonology in British Sign Language (BSL). In: BOYESBRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. L. *The hands are the head of the mouth*. Hamburgo: Signum Press, 2001.

XAVIER, A. N. Análise preliminar de expressões não-manuais lexicais na libras. *Revista Intercâmbio*, v. XL:41-66, 2019.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 30 de setembro de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 25 de março de 2022.